

## IRMÃOS DAVENPORT: UMA LIÇÃO PARA NÃO SER ESQUECIDA

As situações vividas são aprendizados que jamais devem ser esquecidos, sejam estes relativos a momentos risonhos, sejam eles de infortúnios. São experiências escritas no caderno da vida que não devem ser olvidadas, mas, isto sim, lembradas sempre, para que dirimam-se as falhas e repitam-se os acertos. Relembramos na coluna Efemérides deste mês uma destas lições que jamais deve ser esquecida, vivida pela Doutrina Espírita em seus primórdios. Trata-se da trajetória dos irmãos Davenport. O mais velho dos irmãos, Ira Erastus Davenport, nasceu em 17 de setembro de 1839, enquanto o outro, William Henry Davenport, a 1º de fevereiro de 1842, ambos na cidade de Buffalo, no estado de Nova Iorque, Estados Unidos. O pai dos meninos era funcionário do Departamento de Polícia de Buffalo sendo descendente de colonos ingleses que vieram para a América do Norte. Enquanto isso, a mãe era nascida em Kent, na Inglaterra, e veio ainda criança, para aquele país. Quando o garoto mais velho tinha apenas 7 anos de idade, fenômenos estranhos começaram a ser presenciados pela família, que era perturbada durante a noite por eventos como batidas, socos, ruídos e estalos. Inicialmente, os garotos, juntamente com a irmã mais nova, Elizabeth, presenciavam fenômenos ruidosos, cujas mensagens eram por eles decodificadas. Conforme o tempo passava, as manifestações se tornavam cada vez mais complexas e as notícias sobre estas se espalhavam com grande rapidez. Ira passou a desenvolver a mediunidade da escrita automática, escrevendo mensagens sobre cujos temas não possuía conhecimento algum. A levitação foi outro evento que passou a fazer parte do cotidiano do jovem, que ficava a nove pés do solo, acima da cabeça dos expectantes. O mesmo se passou com os dois mais novos. Diz-se que os fenômenos não cessavam sequer nos horários de refeição. Certa feita, durante o momento de alimentação da família, os talhares flutuaram e começaram a dançar, juntamente com a mesa, que foi erguida no ar. Outros eventos, como o movimento de um lápis à luz do dia sem contato humano, ou mesmo presenciar o evento de voz direta, também passaram a entrar no acervo da família Davenport. Estes acontecimentos, acompanhados por centenas de pessoas que moravam na cidade, passaram a atrair não somente espectadores curiosos como investigadores e pesquisadores da época.

No ano de 1857, quando Ira contava 18 anos de idade, os irmãos receberam pesquisadores da universidade de Harvard para que fossem analisados, assim como os fenômenos produzidos por intermédio de ambos. Os pesquisadores imobilizaram os rapazes com 150 metros de corda, e ainda os isolaram dentro de uma cabine. Entre ambos ficou disposto um dos investigadores, Prof. Pierce. Logo uma mão foi materializada e instrumentos musicais colocados no local passaram a ser ouvidos e suspensos em torno do professor, que a todo o momento verificava se os garotos ainda estavam imóveis. Quando os demais pesquisadores abriram a cabine, uma surpresa: os jovens estavam

soltos, e as cordas enroladas no pescoço de Pierce. Apesar do fato contundente, nenhum relatório foi publicado e não houve sequer pronunciamento por parte dos pesquisadores. Conforme dizia o saudoso médium mineiro Chico Xavier o mediunismo seria para muitos, porém o Espiritismo, para poucos. Pois a Doutrina não se fez para os jovens.

Os irmãos passaram a promover grandes espetáculos com estes eventos naturais, inclusive, em até certo ponto, ocultando-os em “gabinetes mediúnicos” dando-lhes um toque teatral e sobrenatural. E assim como se faz em todos os espetáculos, passaram a cobrar pelos que organizavam. A falta da Doutrina na disciplina de comportamento desses médiuns passou a gerar a decadência. Em 1864 foram à Inglaterra. As opiniões se dividiam entre julgamentos de charlatães a homens de boa fé. Em algumas cidades, principalmente na Inglaterra, precisaram cancelar as apresentações a fim de protegerem a própria vida. Ira e William nunca se interessaram em estudar com seriedade a mediunidade de que eram portadores e dar-lhe um fim útil. Reduziram esse valioso recurso de interlocução entre encarnados e desencarnados a mero divertimento teatral que, não obstante ter despertado a curiosidade de muitos quanto à imortalidade da alma, causou mais polêmicas do que esclarecimentos. Em carta a um amigo, Ira Davenport declarou: *“Nós nunca afirmamos de público a nossa crença no Espiritismo. Não considerávamos isso de interesse para o público, nem oferecemos nosso entretenimento como resultado de habilidade manual nem, por outro lado, como Espiritismo. Deixávamos que os amigos e os mortos resolvessem isso lá entre eles, como melhor pudessem. Mas, infelizmente, fomos por vezes vítimas de sua discordância”*.

Após sua passagem por Londres, Inglaterra, os irmãos foram a Paris e, ironicamente, enviaram uma pessoa que procurou Allan Kardec para que os apoiasse. O Codificador da Doutrina, como que numa lição de vigilância e cautela absteve-se de qualquer opinião visto que não tinha fatos para um posicionamento. Os irmãos, após vários meses morando num pequeno castelo, próximo à cidade francesa, sem fazer contato com quem quer que fosse, voltaram para Londres, numa apresentação na sala Hertz, em 12 de setembro de 1865. O desfecho? Deplorável. Um dos espectadores invadiu o palco, quebrou a cabine e alegou que tudo não passava de truques.

Mas, os Davenport não se detiveram. Passaram também, por vários outros países como Alemanha, Rússia, Polônia. Entretanto, haviam caído no descrédito da maioria. Os detratores da Doutrina Espírita encontraram nos irmãos elementos para atacá-la. Entretanto com a serenidade de quem possui os elementos da Ciência, a lhe sustentar a argumentação, o Espiritismo a tudo suportou não compactuando com a vendagem de eventos com data e hora marcada para interação com os espíritos. Porém, jamais entrou no mérito de discussão se os fatos eram ou não verdadeiros, uma vez que necessitariam de criteriosa análise. Conforme publicado no jornal *Courrier de Paris du Monde Illustré*, de 16 de setembro de 1865, num artigo assinado por Neuter, assim afirma com propriedade o autor: *“O Espiritismo não consiste em se fazer amarrar por cordas, nem nesta ou naquela experiência física; jamais tendo tomado esses senhores sob o seu patrocínio e jamais as tendo apresentado como colunas da Doutrina, que estes nem mesmo reconhecem, não recebe nenhum desmentido de sua aventura. Seu revés não o é para o Espiritismo, mas para os exploradores do Espiritismo”*. Os irmãos que se esqueceram do aviso do Mestre Jesus a dar de graça o que de graça haviam recebido com seriedade e vigilância, não podiam ter outro fim que não outro: receberam a sua paga no que tange à matéria e desencarnaram em completo descrédito. Hoje, são considerados como excelentes mágicos... A Doutrina Espírita, porém, sobreviveu, enfrentando a situação com a razão, tendo em mãos a Ciência, a Filosofia e a Religião.

Leia mais em:

*A História do Espiritismo* - Arthur Conan Doyle

*Mesas Girantes e o Espiritismo* - Zeus Wantuil

*Revista Espírita* - Out/1865 e Fev/1866

*Revista Internacional do Espiritismo* - Jun/1943